

1

1 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE: DESDE O MEDO DOS 2 POVOS PRIMITIVOS ATÉ A NEGAÇÃO NA ATUALIDADE

3

4

Lidiane Feitosa Pinto¹

5

Orientadora: Ângela Fernandes Baia²

6

7

8**Resumo:** Desde os primórdios, a morte é tida como fascínio, e ao mesmo tempo aterroriza a
9humanidade. Se antes a morte era uma cerimônia pública, hoje já não é. O medo da morte sempre
10acompanhou o ser humano, onde o mesmo tem consciência de ser mortal, apesar de negá-la
11constantemente, entretanto, para a psicanálise o inconsciente está convencido da sua imortalidade.
12Dessa forma, o homem vive no dualismo de sentimentos, passando a acionar os mecanismos de
13defesas. Na atualidade falar da morte gera desconforto, porque se tornou individual e solitário. O
14indivíduo em processo terminal passa a ser privado dos seus desejos, como também da sua morte,
15ficando a família responsável pela tomada de decisões, diferente da Idade Média que o homem
16convivia com a morte como algo natural que fazia parte da vida. Neste artigo é apresentada uma
17revisão bibliográfica com objetivo de compreender a representação da morte e do morrer, que ao
18longo do tempo sofreram várias modificações.

19**Palavras-chave:** representação da morte; morrer; psicologia hospitalar; psicanálise.

20**Abstract:** Since those beginnings, the death is seen as fascination, while terrorizes humanity.
21Previously death was celebrated in a public ceremony today is no longer. The fear of death always
22accompanied the human being who is conscious of being mortal, despite constantly denying it.
23However, for psychoanalysis the unconscious is convinced of his immortality. Thus, the man lives in
24the dualism of feelings, passing the trigger defense mechanisms. Nowadays speak of death causes
25discomfort, because it became individual and solitary. The individual terminal process shall be
26deprived of his desires, as well as his death, leaving the family responsible for making decisions,
27unlike the Middle Ages that man lived with death as something natural part of life. This article presents
28a literature review in order to understand the representation of death and dying, which over time have
29undergone several modifications.

30**Keywords:** representation of death; die; hospital psychology; psychoanalysis.

31

32

33

34

35

36

37

38

39

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. E-mail: lidianefp1@hotmail.com

² Professora da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA, Mestre em filosofia. E-mail:

4

41. Introdução

5 De acordo com Ariès (2003) as atitudes diante da morte sofreram sutis
6 modificações por longos períodos de tempo, sendo concebidas lentamente pela
7 sociedade, diferentemente dos dias atuais. O autor ainda relata que a morte era
8 esperada e discutida em uma cerimônia pública e “organizada pelo próprio
9 moribundo, que a preside e conhece seu protocolo.” (ARIÈS, 2003, p. 34), da qual
10 participavam os parentes, os amigos e os vizinhos, e até mesmo as crianças,
11 resultando em um ritual simplório.

12

13 Nas sociedades primitivas a morte em público, representava uma defesa contra a
14 angústia da morte, embasada em ritos e crenças, dando ao homem a ilusão de
15 continuidade, que não confiava na individualização e sim na participação no seio do
16 grupo, logo não entendiam a morte como ausência que não se pode reparar.

17

18 Aranha e Martins (2003) refere que desde os primórdios da nossa civilização
19 surgiram as primeiras “angústias metafísicas ao registro dos sinais de culto aos
20 mortos” (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 346). Entretanto a morte se apresenta
21 como fronteira não só do fim da vida, mas um fenômeno de outra realidade,
22 apresentando-se como um processo misterioso e ainda assustador ao ser humano,
23 consequentemente as pessoas procuram não pensar na morte ou no seu
24 significado. Levando Gurgel (2007), observar que desde os romanos, na
25 antiguidade, “as palavras morte e morrer foram sempre tratados pelo emprego de
26 perífrases, como parou de viver, viveu, se foi, faleceu” (GURGEL, 2007, p. 65).

27

28 Aos poucos essa troca social do mundo dos vivos e o mundo dos mortos vão se
29 desfazendo. Sendo o século XIII marco nesta transição, no qual os ritos de morte
30 deixam de ser comunitários, por intervenção da igreja católica, para se tornar
31 ‘clericalizada’, justificado pela necessidade de absolver o morto dos seus pecados,
32 tornando o padre figura principal, e não mais a morte. Desta forma, o morto passa a
33 pertencer a igreja e não mais a sua família.

34

35 Na cultura ocidental, o paradoxo se torna mais difícil de aceitar a finitude,
36 percebendo esses dois momentos de uma mesma realidade: somos seres vivos e
37 iremos morrer um dia. É nessa visão que a morte permeia o imaginário do homem,
38 abalando as fantasias defensivas que as pessoas constroem como uma muralha
39 contra a ideia de sua própria morte. Por que aceita-lá causa tanta angustia? Assim
40 compreender os mecanismos de defesa, como também a “subjetividade em sua
41 totalidade, a partir de seu movimento, contradições e historicidade” (COMBINATO e
42 QUEIROZ, 2005, p. 212), se torna fundamental.

43

44 No tempo linear a morte é tida como perda, ausência. O homem no passado
45 temia a morte, angustiava-se diante dela, entretanto, esse sentimento era traduzido
46 em palavras e canalizado para ritos familiares e sociais. Diferentemente da

2

1Modernidade que prefere se afastar, fugir, seguir a vida como se a morte não
2existisse, tentando burlar sua aparência, pois a morte é maldita.

3

4 Segundo Kovács (2008), a morte está presente na espécie humana durante a
5vida toda e, desde o homem de Neanderthal³ são dadas os jazigos aos mortos.
6Porém “a sociedade funciona apesar da morte, contra ela, mas só existe enquanto
7organizada pela morte, com a morte e na morte” (KOVÁCS, 2008, p. 29). Isso
8significa dizer que a morte está no cotidiano do ser humano, sendo real e
9fundamental. Observamos que a crença na imortalidade sempre esteve ao lado do
10homem.

11

12 Apesar do homem ter consciência que é mortal, a morte é o inimigo que o ser
13humano tenta superar e derrotar. Pois, é desagradável e difícil pensarmos que
14morreremos, desta forma, o homem vem buscando maneiras de desviar sua atenção
15da consciência de sua própria mortalidade. A cultura ocidental parece ter expulsado
16a morte de sua reflexão, entretanto, o medo da morte passa a ser o ponto cego da
17concepção da realidade.

18

19 A reflexão que podemos fazer é que a compreensão do fenômeno morte e
20morrer, atrelados aos sentimentos de medo e angústia torna o ser humano, mais
21vulnerável da lembrança de ser mortal. Somos seres humanos marcados pela
22temporalidade da vida, lutamos contra a ideia de nossa finitude, tendo em vista que
23se apresenta um dualismo vida e morte. Percebe-se que o homem sempre procurou
24explicar sua morte, seja nas religiões, na filosofia, na história e/ou na cultura.

25

26 Em seu texto Bellato e Carvalho (2005) afirmam que:

27

28 “É essa compreensão, característica própria do humano e implícita desde a
29 pré-história que, longe de se refletir em aceitação, leva o ser humano a
30 revoltar-se contra sua inelutável finitude, ávido de uma imortalidade que
31 desejaria realizar. Se não buscasse alguma forma de adaptação à morte, o
32 ser humano “morre de morrer”, visto que, a idéia obsedante da morte como
33 fim último e sem qualquer termo de continuação posterior, lhe seria mortal.
34 O paradoxo adaptação/inadaptação à morte é expresso nos rituais funerais
35 e de luto, ou seja, o luto expressa socialmente a inadaptação individual à
36 morte, mas, ao mesmo tempo, é o processo de adaptação social que tende
37 a fazer cicatrizar a ferida dos indivíduos que sobrevivem” (BELLATO e
38 CARVALHO, 2005 p. 101).

39

40 Diante do texto acima a morte sempre esteve presente ao longo dos tempos,
41aceita-lá sempre trouxe um desconforto, levando o homem a um conflito interno.

42

43 Com a Modernidade a morte se torna vergonhosa e sinal de fracasso,
44impotência. Tenta-se vencê-la, quando isto não acontece, a morte é ocultada. No
45século XXI, a família passou a esconder do moribundo a verdade que sua morte
46está próxima, é nesse silêncio que compromete tanto os que escondem a verdade,
47como quem é alvo dessa verdade.

48

3³ homem-de-neandertal é uma espécie extinta, fóssil, do gênero *Homo* que habitou a Europa e partes do oeste da Ásia, de cerca de 300 000 anos atrás até aproximadamente 29 000 anos atrás, tendo coexistido com os *Homo sapiens*.

2

3 O trabalho presente é uma revisão bibliográfica no qual foi realizado pesquisas
4 da internet, artigos de revistas, dissertação e livros, tendo os seguintes autores
5 como fontes principais: Ariès, Kovács, Kubler-Ross. Sendo dividido em três partes,
6 primeiro faremos uma contextualização da morte e do morrer. Já na segunda, uma
7 reflexão sobre a problemática da morte e do morrer nos dias atuais. E por último,
8 iremos abordar a questão da morte e do morrer numa visão psicanalítica.

72. A Morte e o Morrer

9 De acordo com Bellato e Carvalho (2005), o 'horror da morte', esse fantasma,
10 sempre acompanhou o homem. É preciso salientar que desde as sociedades mais
11 primitivas até a Modernidade o homem sempre teve dois tipos de morte: uma
12 biológica, que representa o fim do organismo humano e a morte social que
13 representa o fim da identidade social.

14

15 Já segundo Kovács (2008), o medo de morrer é universal. E a morte faz parte do
16 desenvolvimento humano. O homem tem consciência da sua finitude e mortalidade e
17 isso o diferencia dos animais, sendo que na sociedade ocidental as pessoas agem
18 como se ela não existisse. Será que tentar apagar essa consciência não seria
19 retroceder? A morte constitui um dos maiores enigmas da existência humana, ao
20 longo da história do pensamento ocidental.

21

22 Entretanto o conceito de vida está atrelado mesmo de forma inconsciente,
23 intimamente ligado com a morte. A trajetória do ser humano no seu existir, vida e
24 morte fazem-se presentes e parceiras inseparáveis. A imagem da morte vem
25 acompanhando o homem em sua caminhada. Mesmo depois de tanto tempo ainda é
26 algo aterrorizante. Porém, Bellato e Carvalho (2005) relatam que a morte não só
27 devemos entendê-la como experiência real do sujeito, como também nas
28 representações simbólicas, pois durante o processo evolutivo há várias mortes.
29 Ambas trarão no ser humano sentimentos de angústia, assim ao longo dos tempos o
30 homem vem negociando com a morte, na tentativa de diminuir essa angústia mortal
31 dessa ausência/presença que é o morrer. Assim, a morte é a fonte mais expressiva
32 de emoções, sentimentos e pensamentos.

33

34 Em seu artigo, Ribeiro (2009) descreve que desde os homens das cavernas há
35 registro sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, bem como também
36 fascínio, descanso, alívio ou uma grande viagem. No livro *A História da Morte no*
37 *Ocidente*, Philippe Ariès (2003) fala sobre as atitudes e representações que a morte
38 teve no seu contexto histórico-cultural. Que são elas: a morte domada; a morte de si;
39 a morte do outro e a morte interdita.

40

41 A morte domada era típica da época medieval. Os cavaleiros da gesta ou dos
42 romances medievais eram advertidos de sua morte, por signos naturais ou por
43 avisos, ou até mesmo por uma convicção interna. "Normalmente, portanto, o homem
44 era advertido" (ARIÈS, 2003, p. 27), o cavaleiro era informado da sua morte, não se
45 morria sem ter tido tempo de ser avisado que se vai morrer. No século X, a morte
46 para os monges não era diferente da dos cavaleiros. A morte no cristianismo
47 primitivo era representada de braços estendidos como atitude de oração, esperava-
48 se deitado a morte chegar. Este ritual era prescrito pelos liturgistas do século XIII.

49

2

1 Sendo diferente para os judeus, de acordo com o Antigo Testamento, “estes
2viravam-se em direção à parede para morrer” (ARIÈS, 2003, p. 32). A morte nessa
3época era esperada, existindo uma cerimônia pública, sendo organizada pelo próprio
4moribundo. Todas as pessoas tinham acesso a ele, até as crianças. As
5manifestações de tristeza e dor eram aceitas. O maior medo nesta época era de se
6morrer repentinamente sem ter as homenagens. A partir do final do século XVII
7começa a perceber sinais de incomplacência, pois durante mais de um milênio os
8vivos conviveram com os mortos. “Estavam tão familiarizados com os mortos quanto
9com sua própria morte” (ARIÈS, 2003, p. 45).

10

11 Na morte de si mesmo, na segunda fase da Idade Média, ou seja, a partir dos
12séculos XI e XII, houve modificações sutis, pois antes havia por parte do homem
13uma familiaridade com a morte. Nesta fase, o homem era socializado, a família não
14atrapalhava a socialização da criança. Essa socialização não separava o homem da
15natureza, a intervenção só poderia ser por um milagre. “A familiarização com a
16morte era uma forma de aceitação da ordem da natureza” (ARIÈS, 2003, p. 46), o
17homem aceitava a morte, não a evitava e nem exaltava, simplesmente se submetia,
18com cerimônia pública para marca a importância das etapas da vida. Contudo, o
19homem reconhece a si próprio em sua morte – “descobriu a morte de si mesmo”
20(ARIÈS, 2003, p. 63).

21

22 Por outro lado, Kovács (2008) ao falar da morte de si mesmo, diz que o homem
23nessa época passou a se preocupar com o que acontecerá depois de sua morte,
24passando a temer o julgamento da alma, com sua ida para o inferno ou paraíso.
25Entretanto, o medo se fazia presente por não saber para onde iria depois de sua
26morte.

27

28 A morte do outro, a partir do século XVIII, o homem passa a dar um sentido novo
29à morte, exaltando-a, desejando-a sendo arrebatadora. Por outro lado, o homem se
30ocupa menos com a sua própria morte, ela passa a ser romântica, retórica, a morte
31do outro. A grande mudança que surge, onde se tornou um dos traços do
32romantismo: “a complacência para com a ideia da morte” (ARIÈS, 2003, p. 68).

33

34 Já Kovács (2008) relata que a morte do século XIX é a morte romântica. Aqui a
35morte é desejada, pois ela é considerada bela, sublime e eterna, tendo a
36possibilidade de reencontrar o ser amado. Ocorre assim a ruptura e a separação.

37

38 E por último a morte interdita. “A morte, tão presente no passado, de tão familiar,
39vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS,
402003, p. 84). No século XX, a morte se esconde, é vista como vergonhosa igual fora
41o sexo na era vitoriana. A sociedade atual banuiu a morte tentando proteger a vida,
42não há mais sinas que a morte ocorreu. A importância nesse século é dar a
43impressão de que nada mudou, todavia a morte não deve ser percebida. Mesmo ela
44sendo um fenômeno da vida desperta medo no ser humano, esse sentimento está
45relacionado com a dificuldade do homem lidar com a questão de finitude, pois as
46crenças, valores e visão de mundo que cada um traz na sua singularidade
47influenciarão a compreensão de morte.

48

49 Freitas (2010) em seu livro relata que a partir da Idade Média o homem diante da
50morte sofreu transformações. Nessa época com a multiplicação da peste negra, a

2

1 morte passou a ter um sentido mais cotidiano. A morte passa a ser um fenômeno
2 comum, mais do que em qualquer outro momento, pois a morte passa a ser
3 banalizada no sentido de algo que pertence e é compartilhado entre todos ou
4 muitos. Morre-se o tempo todo, causas iguais, nas ruas, nas residências, indiferente
5 da condição de gênero ou nível social.

6

7 Percebemos que o significado da morte varia no decorrer da história, da filosofia,
8 entre culturas e religião. Pois morrer é comum e está presente em qualquer
9 sociedade, sendo assim, é normal que cada grupo tenha um modo de lidar com a
10 morte. Observamos por mais variações que ocorra na história a morte e dogmas
11 religiosos estão íntimos, quase impossível de separá-los. Percebemos isso na
12 cultura ocidental da Modernidade. Já que hoje o homem vê a morte como fracasso,
13 impotência, tentado vencê-la quando isto não acontece, a morte é escondida e
14 negada, diferente de outras épocas. Ribeiro (2009) em seu artigo afirma que:

15

16

17

18

19

20

21

“A filosofia e o modo de vida dos séculos XX e XXI pregam o esquecimento,
a ignorância e a negação da morte. O que o ser humano busca não é uma
vida eterna, mas uma juventude eterna com seus prazeres, força, beleza e
não a velhice eterna com suas dores, perdas e fealdades” (RIBEIRO, 2009
p. 38).

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Em seu livro Mattar (2010) explica sobre a filosofia oriental:

32

33

34

35

36

37

38

“Filosofias orientais concebem uma vida pós-morte sem estarem baseadas
no conceito de monoteísmo, ou seja, imaginam uma vida após a morte sem
pressupor a existência de um Deus individual, criador do mundo, que
tivesse produzido a vida e o poder de legislar sobre a morte” (MATTAR,
2010 p. 15).

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

2

1ressurreição livraram os cristãos do pecado original de Adão e Eva. O Deus dessa
2crença é Onipotente, Onisciente e Onipresente. Essa religião ensina que a vida
3presente é uma caminhada e que a morte é uma passagem para uma vida eterna e
4feliz, para os que seguiram os ensinamentos de Cristo ressuscitaram, pois a alma é
5imortal. Esses ensinamentos estão na Bíblia, que é dividida em Antigo e Novo
6Testamento. Sendo assim, para essa religião existem dois caminhos para a morte: o
7da vida eterna para os que creem em Jesus, percebendo a morte como impossível,
8como se fosse um sono; já para aqueles que não creem em Deus irão para o
9inferno. Em seu trabalho Silva e Vaz (2009) relatam que:

10

11 “Os que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte.
12 Fomos, pois, batizados com ele na morte pelo batismo; para que, como
13 Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos
14 nós em novidade de vida.” (ROMANOS, 6:3-4, apud SILVA e VAZ, 2002, p.
15 12).

16

17 O protestantismo está ao lado do catolicismo, faz parte do cristianismo. O
18nome protestante veio através dos cristãos no século XVI, protestando contra a
19igreja católica. Em alguns países o termo foi substituído por ‘evangélico’. Os
20protestantes acreditam que a salvação é dada através e unicamente de Deus, para
21eles isso só aconteceria por meio da palavra de Deus que está na Bíblia Sagrada.
22Em relação à morte tanto os protestantes quanto os católicos acreditam que os
23salvos irão para o céu ficar perto do Senhor, e os incrédulos irão para o inferno. Em
24contra partida os católicos acreditam na doutrina purgatória, que seria um lugar ou
25condição de punição temporal, pois quem vai pra esse lugar tem que pagar por suas
26transgressões.

27

28 O Judaísmo é progênito do sacerdote Abraão, “para os judeus o Messias
29ainda virá, o livro sagrado é a bíblia Judaica – *Tanakh*” (SILVA e VAZ, 2002, p. 14).
30A morte não é o final da vida, mais sim do corpo, da matéria. Eles creem na
31sobrevivência da alma, pois a morte é um processo natural e lógico da vida. Não
32sendo uma extinção, mas uma transformação, a morte é uma passagem para outro
33mundo. O mundo que se vive é uma preparação para conseguirmos alcançar o
34espiritual, contudo, temos que passar por provas e sermos justos, deixando Deus
35responsável pelo que acontecerá após a morte. O judaísmo não oferece um retrato
36claro da vida após a morte nem mesmo se existe de fato. O judaísmo permite
37múltiplas interpretações. Algumas correntes acreditam na reencarnação, outras na
38ressurreição dos mortos. A reencarnação representa o retorno da alma para outro
39corpo ou como animal ou planta, isso não é um castigo é como se a alma estivesse
40“devendo” algo que na outra vida não foi realizado. Já na ressurreição é definida
41como o retorno da alma ao corpo original. Nessa religião quando se morre o corpo é
42levado para ser purificado e esperar a ressurreição.

43

44 De acordo com Silva e Vaz (2002) o significado da palavra Islam é
45submissão, é uma palavra árabe, os muçulmanos são submissos à vontade de Deus
46(*Allah*). Para o islamismo, a morte é uma passagem desta vida para outra eterna,
47sendo um processo natural. Eles acreditam que o corpo após a morte não significa
48mais nada, já a alma continua tendo valor. Quando o corpo se separa da alma, a
49morte se dá. No estudo de Silva e Vaz (2002) elas explicam que:

50

51 “Morrer significa separar-se da vida. A aniquilação é a total eliminação de
52 algo. A morte humana é o ingresso para a vida eterna num outro mundo.

2

1 Morrer não significa término da existência, mas o começo da eternidade. A
2 vida terrena precisa ser aniquilada em favor da vida eterna.” (SILVA e VAZ,
3 2002, p. 16).

4

5 A alma fica aguardando o dia da ressurreição (juízo final), para ser julgado
6 pelo Criador – Allah (Deus), pois a “ressurreição é o retorno a uma vida nova após a
7 morte [...] Deus é onipotente e seu poder é ilimitado” (SILVA e VAZ, 2002, p. 16). No
8 Islamismo a vida depois da morte se divide em duas fases: a primeira vai desde a
9 morte até a ressurreição, na segunda começa na ressurreição até o destino final
10 eterno. O islamismo se divide em duas correntes principais: os Sunitas e os Xiitas.

11

12 Os Sunitas (derivado de Suna, forma de conduta de Maomé), consideram os
13 sucessores do profeta Muhammad Maomé. Já os Xiitas (significa “partido de Ali”)
14 não concordam, pois para eles o sucessor é Ali, que era genro do profeta. Em 632,
15 foi onde tudo começou quando o profeta Muhammad morreu, a partir daí se inicia
16 uma disputa para quem seria o líder político da comunidade islâmica existente.
17 Contudo Ali era genro de Muhammad, dessa forma ele reivindicava a sucessão, pelo
18 fato que Ali era casado com Fátima, a única filha viva do profeta na época, e ter dois
19 netos como descendentes diretos do profeta. Entretanto, uma grande maioria dos
20 muçulmanos não concordava com essa ideia, pois achava Ali muito jovem e
21 inexperiente para ocupar o cargo. Dessa forma Abu Bakr, amigo do profeta, foi
22 escolhido pela maioria dos muçulmanos para ser o sucessor.

23

24 Os sunitas consideram ser o ramo ortodoxo do Islã, veneram todos os
25 profetas no Corão, mas Maomé é a figura central. Eles se submetem suas
26 lideranças e escolas de religião ao controle estatal. Por outro lado, os xiitas tem em
27 sua fé um forte elemento messiânico e seus clérigos praticam uma interpretação
28 independente e mutável dos textos islâmicos.

29

30 A figura central para a religião budista é Sidarta Gautama em seguida Buda.
31 Ele não é um Deus, mas um guia espiritual. Nessa religião pode-se seguir outra
32 crença, porém não podem deixar de lado os preceitos budistas. Para o budismo, a
33 morte é a única certeza, deve-se preparar para ela. “O seguidor do Budismo precisa
34 dedicar sua vida à realização de seu Dharma e nunca adiá-lo” (SILVA e VAZ, 2002,
35 p. 20). Para os budistas precisam tornar a vida significativa isso é feito através da
36 compaixão, eles tem como propósito a paz e felicidade eterna. Segundo Silva e Vaz
37 (2002):

38

39 “A consciência da morte leva a desprender-se de qualquer apego material,
40 uma vez que tudo fica, nada será levado desta vida e deste mundo. Os
41 prazeres mundanos são desprovidos de qualquer relevância.

42 Encontrar a essência da vida é libertar-se da doença, mortalidade,
43 decadência, medo. É a libertação completa. A onisciência é alcançada.”
44 (SILVA e VAZ, 2002, p. 20).

45

46 A relação de vida ou morte está a partir da consciência e corpo, quando
47 ambos estão unidos existe a vida. Quando há uma quebra nessa relação se tem a
48 morte. O budismo prega o renascimento ou reencarnação, essa crença religiosa
49 enfoca a morte como um dos aspectos da vida, não há porque temê-la. Pois a vida é
50 eterna, ela não acaba com a morte. Sendo assim a morte é o momento de máxima
51 consciência, pois os iluminados lembram suas mortes e suas vidas.

52

2

1 Nos tempos atuais na sociedade capitalista percebemos a morte, como algo em
2si, desprotegido de suas particularidades e separado de sentimentos. Este
3pensamento está atrelado à compreensão mecanicista da morte e do morrer. Sendo
4também um evento metafísico. Ariès (1989 apud GURGEL, 2007) comenta em seu
5texto que “o homem comum emudeceu, comporta-se como se a morte não existisse”
6(p. 68). Analisamos que nos dias atuais a sociedade ocidental trará influências do
7pensamento positivismo mecanicista de Descartes, com a ciência hegemônica. Se o
8homem contemporâneo negligencia os aspectos psicossociais de saúde e doença,
9como seria a concepção da morte? Poderíamos refletir sobre essa morte de hoje,
10sendo individual, diferente de outras épocas que se tinha a familiaridade com a
11morte e a cerimônia pública.

123. A Problemática da Morte e do Morrer nos dias atuais

13 Durante milênios o homem foi o senhor da sua morte. Ariès (2003) relata que
14na alta Idade Média até metade do século XIX, a atitude diante da morte mudou, se
15antes o homem sabia de sua morte hoje não se fala mais dela. Na segunda metade
16do século XIX, um sentimento já se expressava, pois os que cercam o moribundo
17tentam poupá-lo e buscam ocultar a gravidade de seu estado.

18

19 Segundo Pitta (2003) o médico da Idade Média até o século XIX, prevenia a
20morte próxima “como uma baixa probabilidade de erros de prognósticos, dado o
21pequeno arsenal de possibilidades terapêuticas disponível” (PITTA, 2003, p. 29).
22Após o século XIX, o médico se recusava em falar sobre doença e morte aos seus
23pacientes.

24

25 Nos tempos atuais a morte deve ser dissimulada, passa-se a esconder do
26doente seu verdadeiro estado de saúde, pois deve-se morrer na ignorância da
27própria morte. No passado “o aviso era o primeiro ato de um ritual familiar”
28(TAMURA, 2006, p. 23). Portanto hoje há uma inversão, o moribundo não é avisado
29que vai morrer, devendo morrer escondido, solitariamente no hospital. Nesse
30momento os parentes não tem coragem de falar a verdade, diferente de outras
31épocas. “Em suma, a verdade começa a ser problemática” (ARIÈS, 2003, p. 84).

32

33 Tamura diz que “os donos do domínio da morte são quem decidem como se
34vai morrer” (TAMURA, 2006, p. 23). Esses “donos do domínio”, a quem Tamura se
35refere são os médicos, enfermeiros, a equipe do hospital. O moribundo é um objeto
36privado de seus desejos, emoções e vontades, “o doente deverá se comportar de
37maneira que a equipe do hospital possa esquecer que ele sabe e que possa, então,
38comunicar-se com ele como se a morte não rondasse à volta dela” (ARIÈS, 2003, p.
39242). Por outro lado Kovács (2008) relata que “o médico tornou-se o senhor da vida
40e da morte” (KOVÁCS, 2008, p. 236). Conforme a medicina no ocidente os médicos
41são os donos do fenômeno vida e morte das pessoas no qual se chama
42tanatocratas. Pois tomam decisões sem consultar paciente e família.

43

44 Houve também um deslocamento do lugar da morte. O indivíduo já não morre
45em casa com seus familiares, mas sim no hospital, sozinho. Se até a Idade Média a
46morte estava na sala de visita, hoje está escondida nos hospitais, nas UTIs. “Morre-
47se no hospital porque este tornou-se o local onde se presta os cuidados que já não
48se pode prestar em casa” (ARIÈS, 2003, p. 85). O hospital se tornando o lugar da

2

3morte, passa a não existir mais a cerimônia ritualística que era dirigida pelo
4moribundo, em meio aos familiares e amigos. A morte passa a ser um fenômeno
5técnico, sendo declarada pelo médico e a equipe hospitalar.

6

7 D' Assumpção (2010) comenta que os hospitais de hoje com suas tecnologias
8apoderaram-se da nossa própria morte. “Ela já não nos pertence, mas aos
9profissionais que, armados de poderosos aparelhos, prolongam a morte dizendo que
10estão prolongando a vida” (D' ASSUMPÇÃO, 2010, p. 104). São esses profissionais
11que decidem pela nossa vida e morte, pois o moribundo é ligado a vários aparelhos
12eletrônicos, sendo afastado das pessoas que ama, morrendo no frio do ambiente
13físico do hospital e dos profissionais que trabalham nele.

14

15 Sendo que a partir do dia 31 agosto de 2012 foi criado à resolução
16Nº1.995/12, tendo como nome diretiva antecipada de vontade, mais conhecida como
17testamento vital. É um documento onde o paciente terminal decide quais os
18cuidados e tratamentos que ele será submetido. Para fazer esse documento a
19pessoa deve estar lúcida, maior de idade ou emancipada, absolutamente capaz, em
20pleno gozo de suas faculdades mentais.

21

22 De acordo com Gurgel (2007) com a mecanicização da morte, houve uma
23proibição do tema, pois ele foi banido do vocabulário médico e no moribundo é
24negado o direito de coordenar a própria morte. A prática de não falar da morte e
25mesmo de negar ao moribundo tornou-se algo selvagem de maneira que as pessoas
26“se apavoram simplesmente com lhe ouvir o nome: morte!” (MONTAIGNE, 1972,
27apud GURGEL 2007, p. 65). Ou seja, poderíamos dizer que as pessoas na cultura
28ocidental não pensam na morte?

29

30 Se antes o homem era o senhor da sua própria morte. Hoje, ele é privado,
31pois a morte passou a pertencer a um terceiro, que omite informações sobre seu
32estado mórbido. Percebemos que o moribundo é visto como incapaz, não podendo
33saber do seu real estado, como também não decidindo por se mesmo, mas sim
34outros que sabem mais do que ele próprio. No mundo capitalista de hoje deve-se
35evitar as emoções fortes, ou mesmo manifestar o sofrimento, pois é um incômodo, já
36que a morte se tornou algo proibido. No hospital a morte é silenciada. Antes o
37hospital significava asilo, hoje um centro médico que tem como objetivo curar e lutar
38contra a morte.

39

40 Kubler-Ross (2008) no seu livro também fala sobre o direito do moribundo,
41que ele é tratado como alguém sem direito de falar o que pensa e o que quer. Ela
42comenta que quase sempre é outra pessoa quem decide sobre o enfermo. As
43pessoas deveria lembrar que o doente tem sentimentos, desejos, opiniões e o direito
44de ser ouvido.

45

46 Com as mudanças ocorridas se observa o crescente medo da morte.
47Segundo Kubler-Ross (2008) descreve em seu livro ter “a impressão de que o
48homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá” (KUBLER-
49ROSS, 2008, p. 6). Em tempos modernos a sociedade encara a morte como tabu, é
50triste morrer, mecânico e desumano. O morrer se torna solitário porque o paciente é
51retirando às pressas do seu ambiente familiar para ser levado ao hospital. A família

2

1 poderia permitir que o moribundo tivesse seus últimos dias no seu ambiente familiar,
2 pois isso requeriria dele menor adaptação.

3

4 Kovács (2008) relata que raramente os doentes são indagados sobre seus
5 desejos. “O paciente não é encarado como pessoa e sim como objeto de atuação do
6 médico, passivo, submisso e silencioso” (KOVÁCS, 2008, p. 198). Com o
7 desenvolvimento científico houve uma mudança na trajetória da morte, antes a
8 morte familiar que todos conheciam, passa a não ter mais uma preocupação. Ele
9 não sente mais a morte chegar, ou mesmo lhe avisar por signos e/ou sinais. O
10 doente é privado de suas vontades, entretanto, a morte se torna dolorosa, individual
11 e solitária.

12

13 Já Loureiro (2000) fala que a atitude diante da morte mudou não só pela
14 alienação do moribundo, mas também pela variabilidade da duração da morte por
15 mais que seja bem cuidado e conservado vivo, mais se tornou uma coisa solitária e
16 humilhada. Pois, não tem mais status, conseqüentemente não há mais dignidade,
17 por não ter mais valor social o moribundo. Notamos a desigualdade entre os homens
18 no ocidente até na morte.

19

20 De acordo com Kubler-Ross (2008), quanto mais a ciência se avança, mais
21 parece que o homem teme e nega a realidade da morte. A autora em seu livro *Sobre*
22 *a morte e o morrer (2008)*, fala dos cinco estágios que o paciente passa, ou melhor,
23 por todos eles, ou por alguns deles quando se sabe que vai morrer. Os estágios
24 terão duração inconstante, sendo que um substituirá o outro, ou mesmo estarão lado
25 a lado.

26

27 Segundo Kubler-Ross (2008), os estágios estão divididos em cinco. O
28 primeiro estágio, é a negação e isolamento, funciona como um para-choque. O
29 segundo, é a raiva, depois de negar o paciente é invadido por sentimentos de raiva,
30 revolta, inveja e de ressentimentos. O terceiro, a barganha, embora seja por um
31 tempo curto o paciente que antes estava revoltado com Deus, tenta acordar algo
32 com Ele. E o quarto, a depressão, que é dividida em dois – depressão reativa e
33 depressão preparatória. E por último, o quinto estágio que é a aceitação, ele não
34 sentira mais raiva, nem depressão, lidará com seu fim próximo com certo grau de
35 tranquilidade e expectativa. A esperança geralmente estará presente em todos os
36 estágios.

37

38 No entanto a equipe ao atender um paciente terminal deveria estar familiarizada
39 com os estágios pelos quais ele passa, lembrando que esses estágios podem
40 intercalar se e/ou se repetir durante o processo da doença, pois permite uma visão
41 real da complexidade vivida pelo paciente diante da morte. Diante disso observamos
42 a complexidade que é a morte, apesar de ser um processo natural da vida, e ser a
43 única certeza que temos.

44. A Questão da Morte e do Morrer numa visão Psicanalítica

45 De acordo com Freud (2010) “a morte é o desfecho necessário de toda vida, que
46 cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a
47 dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável” (FREUD, 2010, p.230).

2

1 Sendo que o individuo age como se fosse diferente, colocando a morte de lado,
2 eliminando-a da vida.

3

4 A ansiedade perante a morte é um sentimento que acompanha o individuo
5 durante a vida toda. Entretanto, o ser humano adota uma forma em relação à morte,
6 mesmo coloca a morte de lado, eliminando da vida. Essa representação mental é
7 puramente fantasiosa, pois existe a ideia de que somos imortais. Todavia a escola
8 psicanalítica afirma que ninguém acredita na própria morte, e que no inconsciente
9 cada sujeito está convencido da sua imortalidade.

10

11 Contudo nasce um conflito diante do sujeito. Essa ideia é criada para aliviar a
12 ansiedade diante da finitude humana, porém essa é a única certeza de que temos
13 na vida, a nossa própria morte. Perante esse conflito existe a necessidade de se
14 buscar maneiras para enfrentar e aliviar o sentimento de angústia e medo. Dessa
15 forma, o ser humano foge da morte, refugiando num mundo de fantasias e ilusões.

16

17 Segundo Garcia-Rosa (2009), no livro *Freud e o inconsciente*, “há, portanto, em
18 todo ser vivo uma tendência para a morte, que é irremediavelmente cumprida”
19 (GARCIA-ROSA, 2009, p. 136). Sendo que essa tendência é interna do próprio ser
20 vivo de retornar ao estado original inorgânico. Já que “organismo deseja morrer
21 apenas ao seu próprio modo” (GARCIA-ROSA, 2009, p. 137). Sendo essa tendência
22 inseparável de todo ser vivo, de retornar ao estado inorgânico, Freud denominará de
23 pulsão de morte.

24

25 O sujeito ao nascer já está condenado a morrer. Desde muito cedo o bebê
26 aprende a se separar daquilo que se ama ou mesmo vive a ausência de alguém,
27 porém ela sente que não é onipresente e percebe-se desamparada. Segundo
28 Ribeiro (2009) diz:

29

30 “São, no entanto, breves momentos ou, às vezes, períodos mais longos,
31 porém logo que alguém aparece a criança esquece a sensação de morte e
32 desamparo, que a ausência do seu cuidador (a) lhe causa, mas esta
33 primeira impressão fica registrada e marca uma das representações mais
34 fortes de todas, que é a morte como ausência, perda, separação e a
35 consequente vivência de aniquilação e desamparo.” (RIBEIRO, 2009, p. 38).

36

37 Assim, o medo da morte é universal. A manifestação do medo se instala no
38 desenvolvimento da criança, sendo gradativamente. Freud diz que “as crianças
39 ignoram tal restrição; elas ameaçam despreocupadamente umas às outras com a
40 ideia da morte” (FREUD 2010, p.230).

41

42 Kovács (2008) ao citar Wahl (1959) comenta que o “medo da morte está
43 muitas vezes relacionado ao medo da castração” (p. 23), diz ainda que “o medo da
44 castração que surge após o período edipiano está relacionando com o medo da
45 morte” (WAHL, 1959, apud KOVÁCS 2008, p. 23).

46

47 Já Kovács (1992) no seu livro *Morte e desenvolvimento humano* relata que a
48 questão da morte na psicanálise é controvertida, pois existiria representação da
49 morte no inconsciente. Ela fala que para Freud “isso não existiria, por ser uma
50 experiência que nunca tinha sido vivida. Mas ele considerava como equivalentes os
51 terrores da castração, da perda do amor, do objeto” (KOVÁCS, 2008, p. 96).

2

3

4 Freud (2010) em estudo intitulado “Nossa atitude perante a morte” afirma que:

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

35.5. Considerações Finais

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

O referente artigo trás questões com relação à representação da morte e o morrer e seus sentimentos. O medo da morte está presente desde a antiguidade, sendo que a morte era compartilhada com todos que faziam parte do convívio social do ser humano, nunca se estava só no momento de sua morte, diferentemente da atualidade. Se antes a morte era uma cerimônia pública, morria-se em casa com os familiares, na Modernidade passa a ser uma cerimônia privada.

Apesar de sabermos que a morte é o destino de todos nós, e que o homem é o único ser vivo que tem consciência da própria morte, o mesmo não aceita. Na Modernidade existe uma urgência de enterrar o morto e não entrar em contato com a dor, sofrimento, pois isto significa sinal de fraqueza. Preferimos tentar nos convencer que somos imortais.

2

1 A morte na atualidade passou a ser um fenômeno de recusa, fracasso, vergonha
2e até mesmo tabu. Na cultura ocidental a sociedade poderia começar a rever e
3conscientizar o homem que a morte e o morrer não são ameaçadores, mas sim algo
4que faz parte da vida e é um processo natural. Começar a elaborar a ideia de
5finitude seria uma possibilidade para se tentar minimizar o sentimento do medo e
6angústia já que isso provoca um desconforto.

7

8 O paciente terminal é afastado das pessoas que convive mais no ambiente do
9hospital e da tecnologia das máquinas do que no seu lar, sendo mais frequente
10morrer no hospital. A equipe médica e a família trata o paciente terminal como uma
11pessoa que não pode decidir por si mesmo, porém precisou se criar uma resolução,
12para ele escolher e decidir como irá ser seu tratamento. É interessante lembrar que
13o paciente ao descobrir que tem uma doença terminal ele passa por cinco estágios,
14podendo seguir uma sequência ou não. Entretanto a esperança sempre se fará
15presente.

16

17 A escolha do tema foi por perceber que em cada cultura a morte e o morrer se
18darão de formas diversas, pois é um assunto complexo e ao mesmo tempo ver que
19cada indivíduo trará sua singularidade na representação da morte. Se vida e morte
20se fazem presentes, nas fases evolutivas do desenvolvimento humano, por que
21aceitar a morte causa tanto sofrimento? Já que na evolução do sujeito há várias
22mortes em vida, ou seja, a nível real, simbólico e/ou imaginário, e/ou também a
23morte como cessação da vida. O homem traz consigo sentimentos ambíguos desde
24cedo, ele passa por situações de separação, perdas, frustração. Dessa forma, o
25homem encontra-se numa cisão entre vida e morte, só que o mesmo termina se
26afastando da ideia de morte.

27

28 De acordo com o que foi descrito compreendemos que o processo da morte ao
29longo do tempo teve vários significados diante do contexto histórico e cultural.
30Percebemos que vida e morte estão interligadas, pois a vida é um período da nossa
31existência, a morte é a certeza que temos. Diante disso o homem ocidental tenta
32suportar essa certeza acionando os mecanismos de defesas ou se refugiando no
33mundo de fantasias e ilusões.

34

35**6. Referências**

36ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio
37de Janeiro: Ediouro, 2003.

38

39ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. São
40Paulo: 3. ed. revista Moderna, 2003.

41

42BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O Jogo Existencial e a Ritualização da Morte. **Rev.**
43**Latino-am Enfermagem** V. 13, N° 01, jan-fev 99-104, 2005.

44

45COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. **Revista**
46**Estudos de Psicologia**. V.11, N° 2, maio-agos 209-216, 2005.

47

48D' ASSUMPÇÃO, E. A. **Sobre o viver e o morrer**: manual de Tanatologia e
49Biotanatologia para os que partem e os que ficam. Petrópolis: Vozes 2010.

2

1

2FREITAS, J. L. **Experiência de adoecimento e morte: diálogos entre a pesquisa e**
3a Gestalt-terapia. Curitiba: Juruá, 2010.

4

5FREUD, S.1856-1939. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e**
6outros textos (1914-1916) – Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915).
7São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

8

9GURGEL, W. B. – A morte como questão social. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul.
10Revista do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de psicologia.
11N°. 27, jun-dez 60-91, 2007.

12

13GARGIA-ROSA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,
142009.

15

16KOVÁCS, M. J. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do
17Psicólogo, 2008.

18

19KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Editora WMF Martins
20Fontes, 2008.

21

22LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para**
23possíveis avanços do estudo. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

24

25MATTAR, J. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Pearson prentice Hall, 2010.

26

27PITTA, A. M. F. **Hospital: dor e morte como ofício**. São Paulo: Annablume /Hucitec
282003.

29

30RIBEIRO, D. F. de C. Das representações ao medo da morte na terceira idade.
31**ANAIS da 8º JEPEHA** – Jornada de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento
32Humano na Amazônia. Universidade Federal do Pará – UFPA, nov. 37-44, 2009.

33

34SILVA, C. P. B.; VAZ, T. B. C. **A morte segundo a visão de diferentes religiões**.
35Niterói, 2002. Mini-monografia apresentada à disciplina de Sociologia I relativa ao 1º
36Período de Graduação em História na UF – Universidade Federal Fluminense.

37

38TAMURA, C. M. **A ‘pornografia da morte’ e os contos de Luiz Vilela**. Campinas,
39SP: [s.n.], 11-148, 2006. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
40Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.